

OS PATRONOS

Lívio Barreto

Ainda nos bancos escolares, mal entrado no pórtico das disciplinas secundárias, quando o espírito infantil vive a divagar entre as delícias do brinquedo da manja e do boca-de-fôrno e o manejo da taboada e o emaranhado dos adjetivos e pronômes da lingua materna, eu já me iniciava na leitura das boas letras e dos bons versos, lendo, com a sofreguidão de noviço e a ansiedade de conhecimento e de saber, tudo que me caía sob os olhos inquietos, nessa quadra maravilhosa e assustadiça da minha segunda infancia, isto é, a que vai dos dez aos quatorze anos.

Comecei pelos romances de capa-e-espada, Rocambole, História de Carlos Magno, e pelos clássicos portugueses e brasileiros das Antologias. Menino, senti Camões, analisando as estrofes difíceis do “Lusiadas”, sob a esclarecida orientação do saudoso educador Lino Encarnação, na última fase do seu Colegio “Partenon Cearense”. Travei conhecimento com Bernardes e Vieira, tendo pelo autor da “Conjugação do verbo Rapio” admiração fervorosa, pois ainda hoje, quando a dúvida me acóde o pensamento, é com o Padre Antônio Vieira que me consulto sobre o modo de interpretar as ardilêsas da sintaxe portuguêsã. Com os poetas, aprendi a técnica do verso, a sutilêsas do estilo e o amavio da contextura do soneto. Através de Barbosa de Freitas — admirável cinzelador de “Lenda do Sol” — me embrenhei na escola condoreira, antes mesmo de ler Castro Alves, — o altíssimo poeta de todas as Américas. Caçando borboletas, ouvindo o guaiar das ondas, contemplando o céu de cobalto de nossa terra, e derramando o olhar por sobre as variegadas flores dos nossos campos, qual o pequeno escolar que não tenha lido e entendido o suavíssimo Casimiro de Abreu?

Com o correr dos anos fui aprofundando os meus conhecimentos, lendo e estudando. A vida me tem sido assim a grande mestra porisso que no dizer de Goethe a vida de cada dia ensina mais que o livro mais sábio. Em plêna adolescência, as questões sociais me empurraram para a tribuna da rua e da imprensa, e advoguei, com o ardor e o entusiasmo propios da juventude, o direito conspurcado dos humildes e dos bons, dos que trabalham e sofrem, sob a inclemência da desigualdade social do mundo contemporaneo. E neste esmerilhar de propósitos e neste perquirir de canseiras e cuidados gastei o melhor de minha vida, descuidado do meu futuro, e só me inte-

ressando pela felicidade alheia. Valeu-me, porém, o tés-te que fiz de psicologia coletiva: um amontoado de egoísmo, de maldade, de ingratidão, de ignorância e má fé, brotando, bem poucas vezes, desse lôdo humano, algumas flôres de reconhecimento e de bondade.

Meditei, embora muito tarde, na inoperancia do meu desvêlo e deixei-me ficar, por muito tempo, adormecido no meu sonho de idealista e de rebelde. Retornei, então, ás lides literárias. E dos versos, que compuz, na minha enfeitçada e amorosa vida de rapaz, fiz um ramalhete de emoções e publiquei o meu primeiro livro — “Quando as rosas florescem...”

Mal sabia eu, Srs. Acadêmicos, que ao rebelde de ontem e ao trovador romântico de hoje, fôsse conferido, um dia, convite tão desvanecedor, qual seja o de penetrar os umbrais desse templo de sabedoria — a ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS — convite este que me foi feito pela dedicação e bondade de HENRIQUETA GALENO, — a diligente e brilhante beletриста conterranea, estimada e querida de todos nós.

Não vos trago saber nem erudição. O saber e a erudição estão convosco. Estão entre os vossos filólogos e gramáticos, entre os vossos sociólogos e polígrafos, entre os vossos estétas e pensadores. Se notardes em minhas palavras algo de rude e desgracioso, não me culpeis pela simplicidade do conceito e pelo desataviado da fôrma, pois aquela é própria dos que falam a linguagem do povo, e este dos que expressam o pensamento sem os artificios da retórica. Aliás, ensina o glossólogo alemão Scholeicher, citado por Latino Coelho, que “a história das linguas parece á primeira vista ter seguido o caminho diametralmente oposto á de todas as demais histórias. É hoje verdade incontroversa que nos tempos históricos as linguas vão declinando. Não há exemplo de uma lingua que nos tempos históricos nascesse e se fôsse aperfeiçoando”. E acrescenta: “Se compararmos, por exemplo, a flexão italiana com a latina veremos desde logo que a primeira apenas conserva ainda vestígios da riqueza, que distinguiu o período mais antigo da linguagem e que a estrutura da sua gramática não pode bem compreender-se sem que retrocedamos á origem, donde a lingua moderna se derivou. Quanto mais longe na antiguidade vamos estudando um idioma, tanto mais rica é a sua estrutura gramatical”. HEGEL, já havia professado a mesma doutrina, comprovada exuberantemente com a análise comparativa das linguagens antigas, afirmando: “É um fato atestado pelos monumentos que as linguas no estado de *cultura imperfeita dos povos*, que as falaram, são mais complicadas e perfeitas... É igualmente um fato que com a progressiva civilização da sociedade e do estado *as linguas se vão tornando mais pobres e imperfeitas*”. E remata Latino Coelho: “O neologismo é pois uma fatal necessidade e o rebate dos puristas não consegue impedir o complemento natural de uma lei inexorável”.

Daí para justificar o conceito do pensador, a simplicidade do vestuario da minha linguagem. Que me perdoem os zeladores do dizer clássico e qui-

nhentista, pois nem porisso deixo de me expressar com a claresa da fórmula e a limpidez de pensamento.

Não vos trago saber nem erudição, repito. Aqui estou á gentilêsa de vosso convite para assistir ás tertulias espirituais, que se realizam nesta Casa, no sentido da elevação das letras cearenses, honrando, deste modo, as tradições dos nossos maiores, no dominio da inteligência criadora.

Aí está, em pinceladas largas, o que ousou chamar de balanço literário, uma espécie de escrituração no livro intelectual de minha vida.

Srs. Acadêmicos.

Agora falemos do meu patrono — LÍVIO BARRETO — o sensitivo burilador de “DOLENTES”.

Desde menino, ao ler, pela primeira vez, em “A Jangada”, sob a direção de Mario Linhares, Elcias Lopes, Liberato Nogueira, Ulisses Bezerra e outros, o soneto LÁGRIMAS, publicado, num recanto, ao alto daquela revista, começou a minha admiração por LÍVIO BARRETO. Achei o verso triste, porem encantador. Vivia sempre a bailar no meu pensamento:

Lágrimas tristes, lágrimas doridas,
Podeis rolar desconsoladamente.

Tempos depois, li o poema CRAVOS BRANCOS. Sentí o mesmo enternecimento. Desta vez, no entanto, mais forte. E' que eu vivera, também, um drama íntimo de amor. Eu me aproximava assim de Livio Barreto, numa afinidade espiritual e amorosa. Um amor incompreendido, e em torno de nós os rançosos preconceitos sociais. A vida, com todo o seu cortejo de atrapalhções. De um lado, o sentimento casto da amizade. Do outro, a barreira das conjurações familiares. O primeiro travo. O primeiro verso. O primeiro desassossêgo espiritual. Eu consegui superar o preconceito, encontrando em outro amor a alvorada de um novo dia feliz. Lívio não pode vencer o amor impossível, e fez desse ideal sacrossanto, porém irrealizável, motivo de arte e de sofrimento, pois, “toda a sua obra, como escreve Artur Teofilo, seu amigo e seu maior biógrafo não é mais do que um diário dessa infeliz paixão, que tão implacavelmente o torturou, impressionando-o muito, roubando-lhe a energia e desenhando-lhe sobre o resto a nódoa de duas olheiras”.

Aprouve o Destino, trinta anos mais tarde, me incumbir a tarefa de falar sôbre o admirável poeta, que tanto me impressionou nos primeiros dias da minha juventude, ensejando-me ainda a insigne honra de, nesta Augusta Casa, ocupar a Cadeira n. 23, que tem como patrono o seu aureolado nome.

Cabem muito bem aqui as palavras de Latino Coelho, ao fazer o elogio histórico de D. Frei Francisco de S. Luiz: “Diante de um sepulcro illus-

tre, os carmes do poeta, que êle encerra, parecem altear-se mais sonoros, e a inveja não afoga nos seus clamores os sons da lira que se desata em melodias”.

LÍVIO BARRETO, informam os seus críticos, nasceu na fazenda dos Angicos, distrito de Iboassu, da Comarca de Granja, a 18 de Fevereiro de 1870. Fez os seus primeiros estudos, aos 8 anos de idade, com o professor Francisco Garcez dos Santos. Frequentou, também, um curso de português, geografia e francês, mantido ali pelo saudoso jurista Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. Redigiu jornais e revistas, publicando os seus primeiros versos e escrevendo interessantes crônicas humorísticas, começando daí a sua luminosa peregrinação literária. Martirisado por um grande amor, olhos abertos para a contemplação da natureza e da vida. Lívio foi, não há dúvida um lídimo representante dessa estirpe de poetas brasileiros, que nos deu o romantismo: foi um sentimental. Não obstante a claridade dos nossos céus, a beleza da nossa terra, e como notou Rocha Pita “em nenhuma outra região, se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora”, a nossa poesia, como a nossa música se touca dessa tristeza salutar, como diria Graça Aranha, que não tem nada de trágica, mas de humanamente cariciosa e bôa: a influência talvez desse plasma bio-genético, oriundo de três raças tristes, a que se refere Olavo Bilac — o português, o negro e o índio. A alma portuguesa nos fala dessa melancolia através dos seus fados. O batuque do negro e o horé do selvagem desferem verdadeiras endeixas doloridas. Junta-se a isto a rêde, armada no copiá das nessas casas de campo, cujo balanço faz acordar dentro de nós um desejo volutuoso e cismarento. A sombra dos cajueiros e das mangueiras traz-nos uma deliciosa preguiça, um esquecimento de tudo, uma modorra langorosa e enervante. A canícula escaldante, o céu sempre azul e escampo — todo esse bochorno climático, de envolta com os problemas sociais e econômicos, fez de LÍVIO BARRETO um poeta desalentado. Não teve ânimo suficiente para reagir contra o acanhado ambiente em que exercitou o seu formoso espírito, como o fizeram tantos outros homens de letras de seu tempo Antonio Sales, por exemplo, seu companheiro da “Padaria Espiritual”, que começou caixeiro e foi um dos grandes vultos da nossa literatura.

LÍVIO nunca pôde fugir á condição de empregado no comercio, profissão que êle tanto malsinava. Não era de seu feitio servir a Mercúrio e a Apolo, ao mesmo tempo. Mas a luta pelo pão de cada dia o obrigava a isto. Daí, quem sabe, a origem da sua revolta íntima. Digo revolta, porque Artur Teofilo assim lhe traça o perfil: “Lívio era magro, pequeno, *altivamente petulante*. Com o vulgo era sisudo, um tanto frio mesmo, com uns *longes de bem entendido orgulho*. Usava casemiras claras, chapéu de feltro alto, e fumava cachimbo, embalando-se rapidamente na rêde, com um livro de versos na mão”.

Sempre a rêde, fazendo-nos evocar Melo Morais Filho:

No pouso uma rêde, de penas bem feita,
Na minha viola saudosa canção.

Da rêde, Lívio não faz a menor referência. Dedicou, porém, ao seu cachimbo dois belos quatorzetos, cujas primeiras quadras e os dois últimos tercetos transcrevo a seguir:

Companheiro das noites desoladas,
Das desoladas noites que se escôam
Lentas como aves, que no azul revôam.
À languidês das tardes acolchoadas.

.....
Teu fumo branco, vaporoso e ondeado,
Em frias espirais subindo, passa
Como o netário líquido da taça
Desenervando o espírito alquebrado.

.....
Quando, sombrio e triste, o desalento
Prostra-me inerte, pálido e doente
Da solidão na dolorosa via.

Nesse deserto e lúgubre Sahára,
Tens o poder, tens a virtude rara
De adormecer a minha nostalgia.

A sensibilidade artística de Lívio Barreto, acentúa Waldemiro Cavalcanti, que lhe prefaciou "DOLENTES", "era como a da sensitiva selvagem, confrangia-se á menor vibração ou contacto. No poeta, as decepções deixaram funda impressão, que deu a seus versos a feição dolente e nostálgica de um Ossian".

De fato, a mágua lacerante de Lívio extravasa-se, de momento a momento, em suas formosas produções. Um remordimento doloroso acompanha-o por toda a parte. Quando se dirige á mulher amada sente-se esse amargor, sente-se essa agonia de quem se vê cercado de mesquinhos inimigos. E é tão ressaltante esse sofrimento, que ele procura acalmar o coração da eleita dos seus sonhos.

Não te apavores tu, não te atormentes,
Ó minha doce e virginal senhora,
Às rajadas coléricas, frementes,
Que me envolvem de dia, e de hora em hora.

Sei que separa o vírus da calúnia

Muitas almas e muitos corações.
 Mas a inveja banal desses vilões
 O meu desprezo simplesmente púne-a.

E num forte desabafo contra o que êle chama de “inquisição materna”, verbera, em estrofes candentes, o suplício da “pobre menina”:

Não sai jamais de ao pé da mãe,
 A passear não sai também.
 Não pode rir;
 Pobre criança, pobre menina!
 Seu coração, como a bonina,
 Procura a noite para se abrir

 Ai, como pagas essa ventura
 Por longos tragos de amargura.
 Noites de dor!
 O olhar materno — frio e profundo —
 Mostra-te a “Vida”, mostra-te o “Mundo”
 E amaldiçôa o teu amor!

“Mostra-te a vida, mostra-te o mundo”, como quem diz: Minha filha, esse pobre moço nada lhe poderá proporcionar na vida: nem conforto nem felicidade”.

Quem não sente, através desses poemas embebidos de fel e de amargura toda a odisséia amorosa do poeta? Sensível e romântico embora, a inquietação de LÍVIO reponta, a quando e quando, deixando ver bem claro que o seu sentimentalismo aflora apenas como o “manto diáfano da fantasia cobrindo a nudês crua” dos seus ressentimentos, incompreendida que fôra no seu tempo, pois ainda hoje o poeta é sempre olhado com indiferença pela turba ignára, que vê no enamorado das Musas, no eleito dos Deuses um desajustado social, para empregarmos um termo em voga no fraseado empolado dos nossos dias... Faltou-lhe, é certo, a disciplina filosófica. Mas onde buscar esse conhecimento da vida si esta lhe deu apenas tempo para amar e sofrer?

Não obstante o seu apêgo ao torrão natal, LÍVIO costumava viajar, tendo sido empregado no comercio em Belém do Pará, por espaço de três anos, de onde regressou á Granja para se curar de beri-béri, que alí contraíra. Trabalhou também em Fortaleza, na casa comercial de Adolfo Barroso. Fundador e membro da “Padaria Espiritual”, onde tinha o nome literário de LUCAS BIZARRO, vêz por outra, dava o ar de sua graça junto aos “Padeiros” trazendo a *massa* de sua intelligencia ao *fôrno* da *Padaria* para a confecção do “Pão”, órgão daquele cenáculo de letras.

Numa dessas viagens, foi vítima de um naufrágio. A propósito, anotei o seguinte episódio, inédito aliás, pois nenhum dos seus críticos faz alusão a respeito. Viajava o poeta a bordo do "Alcantara", de Fortaleza para Camocim, quando perto da praia do Periquára se verificou o triste acontecimento. A confusão, como é natural nestes graves momentos, foi de verdadeiro panico. Cada um procurava salvar-se. Gritos de socorro, imprecações, horror de agonias. Nadador vigoroso, como todo bom granjense, LÍVIO não esmoreceu em meio das ondas, começou a nadar valorosamente, tentando alcançar á praia. Em meio, porém, da jornada fatigante, vislumbrou ao longo um bóte repleto de naufragos. Já cansado, procurou um iogar entre os sobreviventes. Um passageiro, mais egoista do que os outros, repeliu-o, empurrando-o violentamente com as mãos, para fóra do bóte, alegando que com o seu peso a embarcação poderia ir ao fundo. Um dos tripulantes do "Alcantara", que também se achava no barco, não consentiu que o poeta voltasse a ficar ao sabor das ondas, e o recolheu. Passadas algumas horas, um velho se aproximou dos sobreviventes, pedindo socorro. Era uma carga a mais. Que fez LÍVIO? Coração boníssimo, sugeriu que recolhessem o velho em seu lugar. E em seguida, sem que ninguem pudesse contê-lo, fez-se ao mar, nadando até a praia, onde alguns pescadores o encontraram, mais tarde, completamente despido, porém são e salvo. Que heroísmo comovedor! Só um santo trocaria, numa hora tão angustiada, as delicias de um abrigo seguro pelos azares, talvez fatais, de um novo mergulho na vastidão do oceano encapelado e profundo!

E ali mesmo, ainda exausto de fadiga, LÍVIO escreveu, na indecisa e baça luz da manhã do dia 29 de junho dt 1892, a enternecedora poesia — "Naufrago" — em que évoca, num angustiioso lamento, a irmã querida e a mãe extremosa:

Eis-me naufrago e só Oh minha irmã,
Meu derradeiro altar imaculado!
Choro por tí á luz desta manhã;
É o pranto quente, doloroso, brando,
É o amor que d'alma me rebenta, quando
O coração estorce-se maguado!

Oh minha Mãe! que sofrimento infindo,
Quanta angustia cruel, pezar e dó,
Sinto saber que tu me esperas rindo,
Sem pressentir que estive sucumbido...
Mais para traz. Eis-me naufrago e só!

Um pobre pescador emprestou-lhe umas esfarrapadas calças, que êle vestiu, e assim trajado, encaminhou-se a pé até Fortaleza. Mas de tudo

isto o que êle lastimou foi a perda de seus preciosos livros e dos originais de um poema. Este poema êle jamais repetiu.

A nota predominante na lírica de LÍVIO BARRETO é o desalento. Mas a fonte da sua inspiração portentosa nem sempre lhe brotou do amor impossível. A sua musa, suave e terna, se inspirou também na paisagem dos campos, nos aspectos da vida sertaneja. O seu admirável poema — “Os CAJUEIROS” — cinzelados em magníficos alexandrinos, de rimas paralelas, e de sabor vergiliano, diz bem da sua alegria, lembrando os dias felizes da meninice:

A longos haustos sôrvo o aroma dos cajueiros.
 Quando menino aí passei dias inteiros
 Nessa quinta a brincar. Que júbilo! Que gosto!
 Começam a florir mal vem chegando Agosto.
 De Setembro a Outubro então chegam os frutos
 Que loirejam ao sol pelos dias enxutos,
 Como pingentes de oiro aos ramos pendurados,
 Pois são de oiro na côr e pelo sol doirados.

Levantava-me cedo, ia ao banho e ao passar
 Levava-os para o rio onde ia me banhar.
 Manhãzinha. Passava um vento fresco e brando
 De leve, a agua parada aos poucos arrepiando,
 Numa carícia terna, um murmurinho vago,
 Sacudia os cajús para o meio do lago.
 E atirava-me após, nadador vigoroso,
 Mergulhando e saindo além vitorioso,
 Todo impando de orgulho e de satisfação
 Com três frutos a mais, talvez, em cada mão!

LÍVIO adorava a vida bucólica. Era um panteísta. Sempre viveu no campo. As flôres, o sol, os pássaros, os cravos brancos, que êle glorificou em versos impecáveis, os vaqueiros, o gado, tudo isto tinha para o bardo granjense uma doçura inefável. Com a segurança de um mestre, é assim que debucha a paisagem campeзина:

Com o vento da tarde
 As fôlhas sêcas no espaço remoinhando
 Lembram bandos de pombas levantando
 O vôo, de assustadas ...

Passam rindo e cantando
 Comboeiros além pelas estradas. ...

Na calma do sol poente
Vem sobre o campo uma paz austera,
Balam saudosamente
Os rebanhos que descem dos oiteiros;
Correm, saltando, os trêfegos cordeiros
Ao curral que os espera.

Dois pombos nos telhados,
Alvíssimos como pluma de algodão,
Num idílio sagrado
Noivam sob as cortinas da amplidão.

É quasi noite. O poente
Inda apresenta um luzimento de oiro ...
Urra furiosamente
No fim da varzea um corpulento toiro,
Moitas torcendo e levantando poeira ...

No alpendre onde me acho,
Passa um morcego e agita, voando baixo,
As duas azas moles como cêra ...

Outras vezes, num torpôr nostálgico, torturado pela insídia dos invejosos, LÍVIO fugia do convívio humano e ia falar às árvores, com aquela beatitude de um São Francisco de Assis:

Árvores velhas, árvores amigas,
Venho doente á vossa sombra orar,
Longe das tramas, longe das intrigas,
Ajoelhar-me sob o vosso altar.
Tendes pássaros, sombras. harmonia.
Perfumes, flores, que feliz que sois;
Hoje acolhei minha melancolia
Que as minhas máguas curareis depois.

.....
Ó árvores viris, cheias de vida.
Com vossa sombra e protetora essência,
Cobri — ave sem pouso e sem guarida, —
Minha pálida e triste adolescência.

Uma sobrinha do poeta me relata, em carta: LÍVIO era de uma sensibilidade, por vezes doentia. Faleceu vitimado de congestão cerebral, mas parecia já sofrer do coração. Contava a sua irmã mais nova, a quem

adorava, que êle, horas antes de sua morte, ao sair para o trabalho, chamou-a até a porta da rua, tomou-lhe a mão, colocou-a sobre o seu coração, dizendo: "Vê, minha irmã, como este coração está para rebentar". Realmente sentiu a sua irmã sob a sua mão pulsações tão intensas, como se qualquer cousa estranhamente forte martelasse dentro do peito do inditoso poeta. Pouco depois estava morto. Era sensitivo e apaixonado. Amou loucamente a jovem, que também o amava, mas que, cedendo á imposição da família, casou-se com o pretendente prático, endinheirado e nada intelectual. Tal como uma banal história de amor de todos os tempos, três dias após o casamento de sua amada, morria o poeta. Conta um dos seus biógrafos que LÍVIO, na véspera de sua morte, bebera exageradamente conhaque e outras bebidas alcoólicas. Sua família jamais confirmou essa história. Apenas irmãos foram unanimes em afirmar que LÍVIO, dêsde que se desiludira de desposar a moça, que amava tão apaixonadamente, viveu atormentado e tristonho, tendo seus males de fígado (era um hepático) e coração se agravado até sua morte".

E assim terminou o poeta os seus atribulados dias, caíndo repentinamente morto sobre a sua banca de trabalho, a 29 de Setembro de 1895. LÍVIO, escreve Leonardo Mota, "viveu um pouco mais do que Castro Alves, Junqueira Freire e Rocha Lima, mas não passou dos 25 anos".

Foi o amor o constante desassossêgo da sua glória de poeta e de seu martirio de amoroso infortunado. Amado, sentiu dessa afeição somente os acúleos da desesperança e da desilusão. Amando, consumiu o coração na exaltação de tanto querer e na angústia de tanto esperar ...

GASTÃO JUSTA

RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA

Ontem foi o 31º aniversário do falecimento dêsse moço de espantoso talento, que se supunha destinado a ser um dos vultos mais eminentes das nossas letras. Tinha 23 anos apenas quando faleceu, na serra de Maranguape, para onde fôra transportado, moribundo de um beribéri que, de parceira com uma febre de mau caráter, dizimou por milheiros os moradores desta cidade e a população do interior, que aqui se aglomerou, pedindo pão ao governo.

Muito antes de contar os vinte anos, por um desenvolvimento precoce das suas faculdades intellectivas, já era um espírito formado para so-